

**Diana Isabel de Matos Nascimento Fortio**

**Características Psicométricas do Questionário Locus de  
Controlo Parental numa Amostra de Famílias Algarvias em  
Risco Psicossocial**



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Psicologia Clínica e da Saúde

2019

**Diana Isabel de Matos Nascimento Fortio**

**Características Psicométricas do Questionário Locus de  
Controlo Parental numa Amostra de Famílias Algarvias em  
Risco Psicossocial**

Mestrado de Psicologia Clínica e da Saúde

Trabalho efetuado sob a orientação de: Prof<sup>ª</sup> Doutora Cristina Nunes



UNIVERSIDADE DO ALGARVE

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Departamento de Psicologia Clínica e da Saúde

2019



Características Psicométricas do Questionário Locus de Controlo Parental numa  
Amostra de Famílias Algarvias em Risco Psicossocial

Declaração de autoria do trabalho

Declaro, por este meio, ser a autora deste trabalho, que é original e inédito. Os autores e trabalhos consultados estão devidamente citados no texto e constam na listagem de referências incluída.

Assinatura

---

(Diana Fortio)

## **Copyright Diana Fortio**

A Universidade do Algarve tem o direito, perpétuo e sem limites geográficos, de arquivar e publicitar este trabalho através de exemplares impressos reproduzidos em papel ou forma digital, ou por qualquer outro meio conhecido ou que venha a ser inventado, de o divulgar através de repositórios científicos e de admitir a sua cópia e distribuição com objetivos educacionais ou de investigação, não comerciais, desde que seja alvo de dado crédito ao autor e editor.

## Agradecimentos

Várias pessoas foram significativas e importantes, grandes apoios com os quais contei por razões diferentes, uns porque me ouviam, aconselhavam e motivavam e outros porque me faziam rir e descontraír. Quero agradecer aos meus amigos, também aos meus colegas de trabalho, assim como à minha família, especialmente às minhas irmãs e à minha mãe.

De uma forma muito importante quero também agradecer à minha orientadora, a profª Doutora Cristina Nunes, pela paciência, disponibilidade e apoio prestado.

Não menos importante quero agradecer às famílias que participaram no estudo e que amavelmente responderam aos questionários.

## Resumo

O locus de controlo parental diz respeito ao poder e eficácia percebida pelos pais no processo de educação dos filhos, tendo impacto sobre o desenvolvimento dos mesmos (Campis, Lyman, & Prentice-Dunn, 1986).

A presente investigação teve como objetivo o estudo das características psicométricas do questionário *Parental Locus of Control* (PLOC, Campis et al., 1986).

Participaram no estudo 145 pessoas, das quais, 97 mulheres e 22 homens, com idades compreendidas entre os 20 e os 57 anos, entrevistados individualmente nas instalações das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) na região do Algarve. Foram aplicados como instrumentos de medida: um questionário de dados sociobiográficos familiares e a escala do locus de controlo parental. Realizámos uma análise fatorial exploratória, utilizando o método de componentes principais com rotação ortogonal (Varimax), da normalização de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), do teste de esfericidade de Bartlett e do programa *Monte Carlo Parallel Analysis* para a análise fatorial de dados simulados aleatoriamente, obtendo uma solução de cinco fatores, o que vai de encontro à escala original. A consistência interna do instrumento revelou-se boa ( $\alpha = ,88$ ). Com este estudo foram feitos grandes avanços no que diz respeito às características psicométricas do presente instrumento e adaptação do mesmo para a população portuguesa.

**Palavras-Chave:** Características Psicométricas, Locus de Controlo Parental, PLOC.

## **Abstract**

The parental locus of control concerns the power and effectiveness perceived by parents in the child rearing process, impacting on their child's development (Campis, Lyman, & Prentice-Dunn, 1986).

This research aimed to study the psychometric characteristics of the Parental Locus of Control questionnaire (PLOC, Campis et al., 1986).

A total of 145 people participated in the study, including 97 women and 22 men, aged between 20 and 57 years, individually interviewed at the premises of the CPCJ in the Algarve region. The following instruments were applied: a questionnaire of family sociobiographic data and the parental control locus scale. We performed an exploratory factor analysis using the orthogonal rotating principal component method (Varimax), the Kaiser-Meyer-Olkin normalization (KMO), the Bartlett sphericity test and the Monte Carlo Parallel Analysis program for the factorial data analysis. simulated at random, obtaining a five-factor solution, which goes against the original scale. The internal consistency of the instrument was good ( $\alpha = .88$ ). With this study great advances were made regarding the psychometric characteristics of the present instrument and its adaptation to the Portuguese population.

**Keywords:** Psychometric Characteristics, Parental Control Locus, PLOC.

## Índice

Introdução.....	1
Enquadramento teórico .....	2
Objetivos de Investigação.....	17
Metodologia.....	18
• Desenho do Estudo.....	18
• Participantes.....	18
• Instrumentos.....	20
• Procedimentos de Recolha.....	22
• Plano de Análise.....	22
Resultados.....	23
• Análise Descritiva.....	23
• Análise de Fiabilidade.....	25
• Validade do Construto.....	26
• Análise Fatorial.....	35
• Versão final da escala PLOC.....	39
• Relação entre características sociodemográficas e escala PLOC.....	40
Discussão.....	41
Conclusão.....	43
Referências Bibliográficas.....	44

## Índice de Figuras

<b>Figura 1.</b> Modelo dos Determinantes da Parentalidade.....	3
<b>Figura 2.</b> Modelo dos Determinantes do Comportamento Parental.....	6
<b>Figura 3.</b> Nível educativos dos participantes.....	19
<b>Figura 4.</b> Tipo de família.....	19
<b>Figura 5.</b> Situação de convivência.....	20
<b>Figura 6.</b> Scree-plot com os itens do PLOC.....	36

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Dados descritivos da escala PLOC e respectivas subescalas.....	24
<b>Tabela 2.</b> Consistência interna da escala PLOC e respectivas subescalas (N = 145).....	25
<b>Tabela 3.</b> Consistência interna da subescala Eficácia Parental e respetivos itens (N = 145).....	27
<b>Tabela 4.</b> Consistência interna da subescala Responsabilidade Parental e respetivos itens (N = 145).....	28
<b>Tabela 5.</b> Consistência interna da subescala Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos e respetivos itens (N = 145).....	29
<b>Tabela 6.</b> Consistência interna da subescala Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso e respetivos itens (N = 145).....	30
<b>Tabela 7.</b> Consistência interna da subescala Controlo Parental e respetivos itens (N = 145).....	31

<b>Tabela 8.</b> Correlações entre a escala PLOC e as respectivas subescalas (N = 145).....	33
<b>Tabela 9.</b> Análise Fatorial Exploratória da escala PLOC (N = 145).....	35
<b>Tabela 10.</b> Análise Fatorial Exploratória da escala PLOC (N = 145).....	37
<b>Tabela 11.</b> Consistência interna da escala PLOC e respectivas subescalas (N = 145).....	39
<b>Tabela 12.</b> Correlações entre a escala PLOC e respectivas subescalas e os dados sociodemográficos da amostra.....	40

### **Lista de Abreviaturas, Siglas e Símbolos**

PLOC – Locus de Controlo Parental

EF – Eficácia Parental

RP – Responsabilidade Parental

CF- Controlo da vida dos pais por parte dos Filhos

D/A – Crenças sobre o Destino ou Acaso

CP – Controlo Parental

$\alpha$  - Alpha de Cronbach

## Introdução

A família é o principal contexto de influência sobre o indivíduo, tendo um grande impacto sobre o desenvolvimento psicológico e social do mesmo (Palacios, J. & Rodrigo, M., 1998). Tendo em conta este aspeto, torna-se relevante compreender a parentalidade, os seus processos e determinantes. Segundo Belsky (1984), as características parentais, especificamente a personalidade e perspetivas acerca da parentalidade influenciam diretamente e indiretamente o funcionamento parental.

Neste estudo debruçamo-nos sobre o locus de controlo parental, ou seja, o poder e eficácia percebida pelos pais no processo de educação dos filhos (Campis, Lyman, & Prentice-Dunn, 1986). Os pais com um locus de controlo interno, acreditam que podem influenciar o comportamento e desenvolvimento dos seus filhos, por outro lado, os pais com locus de controlo externo, não acreditam ter controlo sobre o comportamento dos seus filhos (Freed & Tompson 2011). Procedemos a uma revisão da literatura acerca dos conceitos de família, parentalidade, locus de controlo parental e as suas influências no exercício da parentalidade, nos progenitores e filhos. Ao compreendermos a relevância deste construto apresentamos alguns instrumentos de medida sobre o locus de controlo parental e realizámos a análise das características psicométricas do *Parental Locus of Control Scale* (Campis, et. al., 1986), apresentação e discussão dos resultados, assim como, limitações do estudo e propostas para futuras investigações.

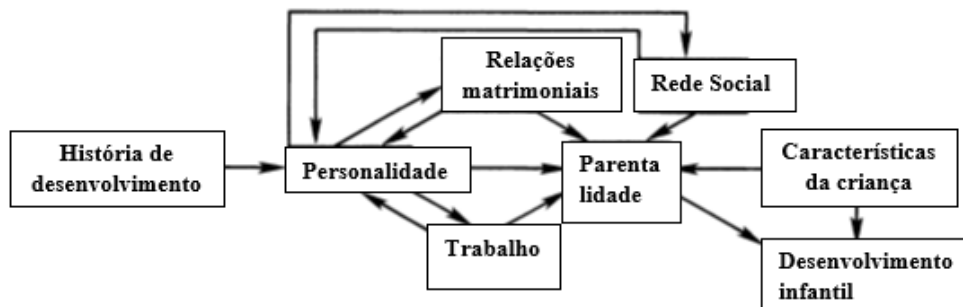
## **Enquadramento Teórico**

A família é o principal contexto onde ocorre o desenvolvimento humano. Segundo uma perspectiva evolutiva, os laços afetivos que existem entre os membros da família desempenham uma função de sobrevivência, uma vez que, asseguram a proximidade dos pais com os filhos durante o período em que estes necessitam de assistência direta e continuada. Como conseguinte, o apego é um elemento básico com antecedentes filogenéticos (Palacios, J. & Rodrigo, M., 1998).

Sendo a família um contexto de desenvolvimento, socialização e aprendizagem esta tem como base um conjunto de funções, a construção do indivíduo e da autoestima, a preparação para enfrentar desafios, responsabilidades e compromissos, assim como, o desenvolvimento de recursos pessoais, refletindo-se numa rede de apoio social para diversas transições vitais (Palacios, J. & Rodrigo, M., 1998).

Em suma, a família tem funções a nível biológico, social e psicológico, assegurando a sobrevivência dos filhos, o seu crescimento e aprendizagem dos processos de socialização, assim como, assegurando um clima de afeto e apoio, permitindo um desenvolvimento psicológico saudável e adaptação ao ambiente que o rodeia (Palacios, J. & Rodrigo, M., 1998).

Dada a relevância da família, vários estudos têm-se debruçado sobre os fatores que determinam o funcionamento parental. Segundo o modelo proposto por Belsky (1984), a parentalidade é determinada de forma múltipla, sendo influenciada pela personalidade dos pais, as características individuais da criança e o contexto social onde se insere a relação pai-filho, especificamente as relações conjugais, a rede social e profissional dos progenitores (Figura 1).



**Figura 1.** Modelo dos Determinantes da Parentalidade. Fonte: (Belsky, 1984)

Alguns estudos sobre os maus-tratos na infância indicam que a parentalidade é influenciada pela personalidade dos pais, que em parte é o resultado da história de desenvolvimento parental. Para obter uma melhor noção de como a história de vida e a personalidade influenciam a parentalidade, torna-se relevante compreender que tipo de personalidade parece contribuir para o desenvolvimento saudável da criança (Belsky, 1984).

Estudos apontam que, os pais que estão em sintonia sensível com as capacidades das crianças e com as tarefas de desenvolvimento que enfrentam, promovem o desenvolvimento de segurança emocional, independência comportamental, competência social e realização intelectual nos seus filhos. Apontando-se a hipótese de que, indivíduos que são capazes de avaliar a perspectiva dos outros de forma empática adotam uma orientação mais carinhosa (Belsky, Lerner e Spanier, in press; cit in Belsky 1984).

Conclusivamente, a história do desenvolvimento vai moldar a personalidade e o bem-estar psicológico que por sua vez influencia o funcionamento parental. Uma vez que, uma história constituída por experiências de apoio, auxilia no desenvolvimento de um

adulto maduro e saudável, capaz de fornecer cuidados parentais sensíveis, que estimulam o desenvolvimento infantil (Belsky, 1984).

Dentro das características da criança, a que parece influenciar mais o funcionamento parental é o temperamento (Bates, 1980). Dentro da mesma linha, Campbell (1979) observou que as mães que classificavam os seus bebés como tendo temperamento difícil interagiram menos com eles e foram menos responsivas ao seu choro em comparação com o grupo de controlo.

Para além da influência das características dos pais e crianças sobre a parentalidade, o contexto também tem um impacto significativo, Colletta (1979) observou que o apoio fornecido por amigos, família e parceiro parece diminuir comportamentos restritivos maternos e punitivos.

De acordo com o modelo proposto por Belsky (1984), existem três fontes de influência contextuais no que diz respeito à parentalidade, o relacionamento conjugal, a rede social e profissional.

O relacionamento conjugal segundo Belsky (1981) é o principal sistema de apoio dos pais, sendo importante ter em consideração que a qualidade deste é influenciada pela história de desenvolvimento e personalidades do casal.

No que diz respeito à rede social de suporte, o isolamento social é um fator de risco associado à parentalidade disfuncional, no entanto pode-se tornar um fator de stress se excessivo (Belsky, 1984).

Segundo Pascoe et al. (1981), a rede social esta associada a uma melhor organização física e temporal do mundo da criança e a práticas educativas menos punitivas pelas mães.

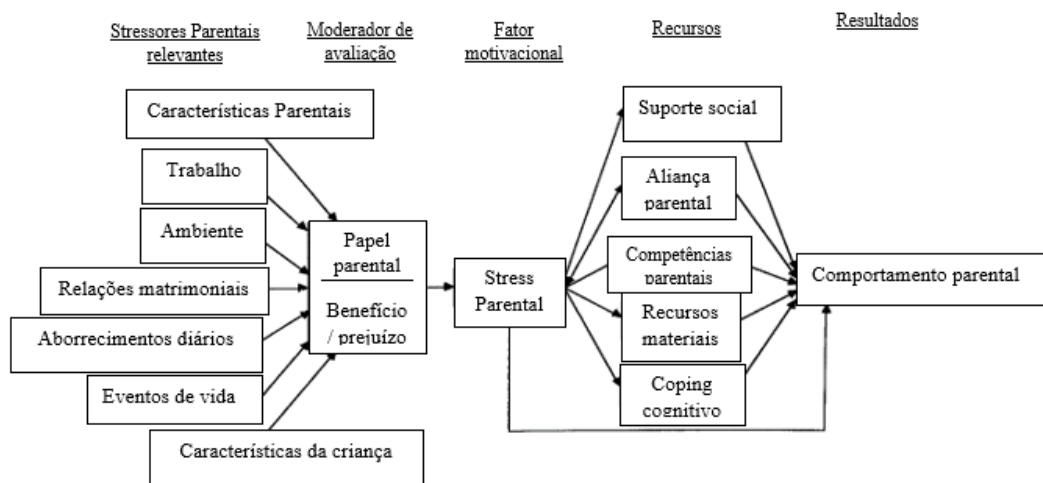
A rede social de suporte, o relacionamento conjugal e setor profissional têm impacto na personalidade e bem-estar psicológico parental afetando o funcionamento parental.

Também Abidin (1992), criou um modelo sobre a parentalidade (Figura 2), no qual definiu o stress como o construto que conduz a uma disfuncionalidade parental, ou seja, níveis mais elevados de stress aumentam a disfuncionalidade parental.

Segundo este modelo, os comportamentos parentais e infantis são influenciados por variáveis sociais, ambientais, comportamentais e de desenvolvimento, que têm influência sobre o papel parental. Sendo estas, trabalho, ambiente social, relacionamento conjugal, eventos de vida, aborrecimentos diários, características parentais e da criança.

O papel parental é definido como um conjunto de crenças e expectativas que servem de moderador destas influências. Cada progenitor tem um modelo interno de funcionamento parental, um sistema de crenças acerca da parentalidade, este é criado através da história do indivíduo, sendo através deste que os pais avaliam o seu desempenho na parentalidade, o resultado desta avaliação produz o nível de stress que o progenitor experimenta.

Deste modo, o stress parental é o resultado de uma série de avaliações feita por cada pai, sendo que, menores níveis de stress parental, refletem-se em energia motivacional, que direciona os pais a utilizarem os recursos disponíveis para servir de suporte à parentalidade, como suporte social, aliança parental, competências parentais, recursos materiais e estratégias de coping.



**Figura 2.** Modelo dos Determinantes do Comportamento Parental. Fonte: (Abidin, 1992)

Existem outros fatores que tem impacto nas práticas parentais, como o baixo nível educativo, dificuldades económicas, monoparentalidade e habitar numa zona pouco segura, sendo estes considerados fatores de risco associados à parentalidade (Rodrigo, Máiquez, Martín, & Byrne, 2008; Sousa, 2005).

Posto isto, sendo a família um contexto importante no desenvolvimento infantil, a forma como os pais exercem a parentalidade torna-se de grande relevância, assim como as suas crenças sobre o tema, de entre as quais, o locus de controlo parental.

O termo *locus de controlo parental* é uma adaptação do conceito de Rotter (1966), *locus de controlo*, no entanto englobando situações específicas entre pais e filhos.

Rotter (1966) definiu locus de controlo como expectativas e crenças dos indivíduos acerca do controlo que podem ter sobre a vida. Os indivíduos com o locus de

controle interno acreditam que os acontecimentos são resultado do seu próprio comportamento, ao passo que, os indivíduos com o locus de controle externo, acreditam que os eventos são resultado da sorte, do destino ou acaso.

O conceito de *locus de controle parental*, diz respeito ao poder e eficácia percebida pelos pais no processo de educação dos filhos (Campis, Lyman, & Prentice-Dunn, 1986). Os pais com um locus de controle interno, acreditam que podem influenciar o comportamento e desenvolvimento dos seus filhos, através das suas competências e esforço parental, por outro lado, pais com locus de controle externo, não acreditam ter controle sobre o comportamento dos seus filhos, sendo este maioritariamente associado a fatores externos (Freed & Tompson 2011).

Diversos estudos no âmbito da psicologia têm associado o locus de controle interno parental a resultados mais benéficos na relação parental e desenvolvimento infantil em oposição ao locus de controle externo.

O locus de controle interno em relação à parentalidade, conduz a um maior senso de responsabilidade e estima parental (Koeske & Koeske, 1992), sensação de eficácia parental, maior persistência perante a decepção, mais satisfação com a parentalidade e menores níveis de ansiedade e depressão (Maddux & Stanley, 1986; cit in koeske & Koeske, 1992).

Em contraste, o locus de controle externo parental, pode conduzir a uma sensação de desamparo e baixa capacidade de resposta, conduzindo a comportamentos defensivos e caracterizando o comportamento dos seus filhos como estável e negativo (Abramson, Seligman, & Teasdale, 1978; cit in koeske, 1992).

Segundo Presson e Benassi (1996) parece haver uma associação entre locus de controle externo e níveis mais altos de sintomatologia depressiva. Também no domínio

parental, a baixa percepção de eficácia parental, competência e controlo estão associados a sintomas depressivos parentais (Coleman & Karraker, 1997).

Segundo Teti e Gelfand (1991) o temperamento da criança influencia a sensação de eficácia parental. Neste âmbito, pais de crianças com problemas comportamentais tem o locus de controlo parental mais externo e menos percepção de eficácia no exercício da parentalidade.

No entanto, Hagekull, Bohlin e Hammarberg (2001), referiram que as percepções de controlo parental não estão associadas unicamente ao comportamento infantil, uma vez que, também são influenciadas pela personalidade dos pais.

Neste âmbito, a baixa percepção de controlo parental existente antes do nascimento de uma criança conduz a problemas precoces no relacionamento entre pais e filhos, que afetam o temperamento ou comportamento da criança. Williams, Jov, Travis e Gotowiec (1987) observaram que as mulheres grávidas que tinham menos confiança em relação às suas competências parentais, obtiveram menos adaptação pós-parto à maternidade e relacionamentos menos positivos.

Também Harris e Nathan (1973), analisaram o locus de controlo parental e a percepção das causas dos problemas nas crianças. Numa amostra com 24 crianças e os seus pais, observaram que os pais com um locus de controlo externo, interpretam que os problemas das crianças têm causas externas a si, enquanto que os pais com locus de controlo interno, associam mais os problemas das crianças ao comportamento parental.

Conclusivamente, a forma como os pais percecionam o controlo que exercem na relação com os filhos, tem influência a vários níveis, tanto emocional, tendo impacto na presença de sintomatologia ansiosa e depressiva, como na interpretação do comportamento infantil e desenvolvimento de problemas de comportamento nas crianças.

Berit Hagekull e colaboradores (2001), estudaram o papel do locus de controlo dos pais no desenvolvimento infantil, numa amostra composta por 123 famílias que participaram no estudo longitudinal desde que os seus filhos tinham 6 semanas até aos 9 anos. Os autores utilizaram como instrumento de medida, *The Parental Locus of Control Scale* (PLOC; Campis et. al, 1986) e concluíram que o locus de controlo parental tem influência no desenvolvimento de competências sociais nas crianças, pois o locus de controlo externo estava associado a maior índice de problemas comportamentais nos filhos em oposição a pais com locus de controlo interno.

Para além deste aspeto, as estratégias educativas selecionadas, também são influenciadas pela noção de controlo parental. Neste sentido, pais que tem um locus de controlo externo tem tendência a ser mais autoritários no processo educativo (Jansses, 1994). Na mesma linha, Loeb (1975) afirma que, pais com locus de controlo externo, usam mais estratégias de controlo caracterizadas por instruções explícitas e diretivas, em oposição, pais com locus de controlo interno, usam menos estratégias de controlo e mais estratégias persuasivas e instruções explicativas.

Outros estudos foram feitos relativamente ao impacto do locus de controlo parental sobre o relacionamento entre pais e filhos.

Bugental e colaboradores (1980), procuraram estudar os padrões de comunicação entre crianças e adultos e a sua associação com o locus de controlo. A amostra foi constituída por 32 mulheres. Os resultados mostraram que os adultos com locus de controlo interno apresentavam o mesmo padrão comunicacional entre crianças com comportamento colaborativo e não colaborativo. Ao passo que os adultos com locus de controlo externo parecem ser menos assertivos quando confrontados com crianças não colaborativas. Estes resultados foram ao encontro ao que os autores previamente estipularam, adultos com locus de controlo interno tem menos probabilidade de serem

influenciados pelo comportamento infantil incontrolável e indiferente. Ao passo que, indivíduos com locus de controlo externo são mais propensos a serem influenciados por contingências sociais e pelo feedback social que recebem (Baron & Ganz 1972; Bugental, Whalen, & Henker 1977; cit in Bugental et. al, 1980).

Para além da influência do locus de controlo sobre o relacionamento entre adultos e crianças, este também tem impacto na dinâmica com o adolescente. Segundo Dias e Tróccoli (1999), a perceção de controlo sobre o comportamento do filho adolescente, conduz a um maior envolvimento na sua vida e assunção de responsabilidades, tendo um impacto relevante na perceção da qualidade do relacionamento mãe-filho.

Não obstante a contribuição deste construto sobre as emoções, comportamentos e cognições parentais, este também é de extrema importância no desenvolvimento infantil.

Ollendick (1979), procurou analisar a relação entre o locus de controlo dos pais e o locus de controlo, ansiedade, inteligência, realização escolar e ajustamento comportamental dos seus filhos. A amostra foi constituída por 68 meninos e 66 meninas, que frequentavam a escola primária. Segundo este estudo, o locus de controlo externo parental parece associar-se a níveis mais elevados de ansiedade nas crianças, orientações de locus de controlo externo nos filhos, menos aproveitamento escolar, níveis mais baixos de inteligência e menor ajustamento comportamental. Estes resultados parecem refletir que a orientação do locus de controlo dos pais tem influência no desenvolvimento de características de personalidade nos filhos.

Para além destes domínios, o locus de controlo parental torna-se também pertinente na área da saúde.

Segundo R. Hassall, J. Rose e J. McDonald (2005), analisaram as relações entre as cognições parentais, características das crianças com deficiência mental, apoio social

e stress parental. Dentro das cognições parentais foram analisadas a autoestima e o locus de controlo dos pais. O locus de controlo e autoestima dos pais, surgiram como fatores preditores do stress parental. Sendo que, o stress parental em mães de crianças com deficiência mental está associado a dificuldades comportamentais nos filhos e menos satisfação com a parentalidade. Conclusivamente, mães com locus de controlo interno, tendem a experienciar níveis mais baixos de stress. O apoio social parece contribuir para um locus de controlo mais interno, que se irá refletir sobre níveis mais baixos de stress parental.

Barakat e colaboradores (2005), realizaram um estudo no qual procuram observar a associação entre locus de controlo parental e qualidade de vida pediátrica em crianças com patologia falciforme. Os resultados revelaram que, locus de controlo parental interno, está associado a uma melhor qualidade de vida nas crianças, particularmente nas áreas de autocompetência e competência social e melhor funcionamento familiar. Os cuidadores com locus de controlo interno parecem usar estratégias de resolução de problemas mais adaptativas, envolvendo os filhos na gestão do processo médico e apoiando o desenvolvimento de competências das crianças com patologia falciforme.

Dada a contribuição da orientação do locus de controlo parental sobre os pais, filhos e dinâmica relacional, vários instrumentos foram desenvolvidos, com o objetivo de operacionalizar e medir este conceito.

Rotter (1975, cit in Campis et. al., 1986), desenvolveu a primeira escala para medir o locus de controlo, *Internal – External Locus of control (I-E)*, que media expectativas de controlo de natureza geral, o que tornava possível a sua aplicabilidade a vários contextos, contudo a custo de uma eficácia preditiva reduzida. Alguns investigadores, em reconhecimento das necessidades de maior precisão, na avaliação de expectativas de controlo específicas, desenvolveram escalas para medir crenças de locus de controlo em

domínios como, realização intelectual (Crandall, Kaltkovsky & Crandall, 1965, cit in Campis et. al., 1986); Gestão do peso (Saltzer, 1982, cit in Campis et. al., 1986); Saúde (Wallston, Maides & Wallston, 1976, cit in Campis et. al., 1986); Ensino (Rose & Medway, 1981, cit in Campis et. al., 1986). Também escalas para medir o locus de controlo parental foram desenvolvidas por alguns autores.

Leender's (1984, cit in Jansses, 1994), criou um instrumento *Leenders' LOCO-Scale*, que pretendia medir o locus de controlo parental sobre a educação infantil. A escala inicialmente era composta por 24 itens, dos quais, 8 itens refletiam crenças de controlo interno, como por exemplo, "Quando eu tenho problemas com o meu filho, eu consigo geri-los" e 16 que refletiam crenças de controlo externo, como por exemplo "Eu não tenho influência sobre o que acontece com o meu filho". A fiabilidade da escala foi de 0,58, refletindo-se baixa. No entanto após a eliminação dos 8 itens, que refletem crenças de controlo interno, a fiabilidade dos 16 itens foi de 0.67.

O instrumento, portanto, é constituído por 16 itens que medem o locus de controlo externo, possuindo 6 opções de resposta que variam desde "*1-Discordo totalmente*" a "*6-Concordo totalmente*", sendo que, maior pontuação na escala está associada a um locus de controlo externo e menor pontuação a um locus de controlo mais interno.

Gary F. Koeske e Randi Daimon Koeske (1992), também procuraram medir o locus de controlo parental, criando um instrumento *Parenting locus of control (PLOC)*, que pretendia avaliar as crenças sobre a capacidade dos pais de controlar o comportamento das crianças e desenvolvimento. Tinha também como objetivo, a validação de um modelo teórico, observando as relações entre o locus de controlo parental e as seguintes varáveis, estima materna, satisfação com a parentalidade e sintomas psicológicos e somáticos, assim como, possíveis contribuintes para o locus de controlo parental, mais especificamente, educação parental e apoio social.

Com os resultados esperavam que, o locus de controlo externo estivesse associado a uma menor estima materna e satisfação com a parentalidade e a um maior indício de sintomas somáticos e psicológicos. A validade de construto deste instrumento foi encontrada, observando que os resultados se encontravam de acordo com o esperado.

Neste estudo foi realizada uma análise fatorial exploratória, sendo criados dois fatores, no entanto um foi retirado, pois não se correlacionava com as variáveis do estudo. Deste modo, o instrumento de medição do locus de controlo parental criado é composto por 14 itens, que expressam a ideia de que os pais têm uma influência mínima sobre os seus filhos e que o comportamento dos pais tem pouca influência sobre o comportamento da criança, negativo ou positivo, ou sobre o seu desenvolvimento, ou seja, que refletem uma ideia de locus de controlo externo. Tem 5 opções de resposta que variam desde “1- *Discordo totalmente*” e “5- *Concordo totalmente*”. A fiabilidade do mesmo foi de 0.84.

Adrian Furnham (2010), também criou um questionário acerca do locus de controlo parental, *A Parental locus of control Scale*, constituído por 60 itens, tendo como base outros instrumentos acerca do locus de controlo na saúde (Lau & Ware, 1981; Wallston & Wallston, 1981, cit in Furnham, 2010), do locus de controlo económico (Furnham, 1986, cit in Furnham, 2010) e do locus de controlo no geral (Levenson, 1974; Paulus & Christie, 1981, cit in Furnham, 2010).

Este instrumento tinha como objetivo medir as expectativas de controlo dos pais em relação ao desenvolvimento das crianças.

O questionário, composto por 60 itens, foi elaborado com o objetivo de analisar três dimensões do locus de controlo nos pais: interna, que se caracteriza pela crença de que os pais através da sua educação ditam o desenvolvimento dos seus filhos; externa, caracterizado por crenças de que forças sociais, como a escola, são os principais

determinantes no desenvolvimento das crianças; e o acaso, onde predominam crenças de que o desenvolvimento das crianças está relacionado com fatores aleatórios, como a sorte e o destino. O questionário é composto por 9 opções de resposta, que variam desde concordo totalmente e discordo totalmente.

Participaram no estudo 201 participantes, dos quais, 92 eram do sexo masculino e 99 do sexo feminino, sendo que a média de idades era de 37 anos, que responderam ao questionário acima citado e preencheram informações acerca dos dados sociobiográficos.

Para determinar a estrutura fatorial, foi realizada uma análise fatorial exploratória da qual emergiram 4 fatores ou subescalas. O conjunto dos fatores explicou 40% da variância dos resultados. As quatro subescalas nomearam-se, crenças fatalistas, responsável por 16% da variância, responsabilidade (que reflete um locus de controle interno parental) e foi responsável por 10.1% da variância, destino/ negação, com 8.1% de variância e crenças de autoeficácia com 7,2% da variância, não se encontrando dados sobre a fiabilidade do instrumento de medida.

Observando a constituição destes instrumentos de medida, observamos que a escala de Leender's (1984) e o instrumento de Koeske e Koeske (1992) expressam apenas itens com uma noção de locus de controle externo, enquanto que no instrumento realizado por Furnham (2010) não encontramos dados relativamente à fiabilidade do mesmo.

Campis e colaboradores (1986), desenvolveram um instrumento que avalia a orientação do locus de controle, interno ou externo, dos pais em relação à educação dos seus filhos, isto é, as expectativas e crenças sobre o controle que podem ter sobre a vida e educação dos seus filhos.

O instrumento de autorresposta é composto, no total por 47 itens, possuindo cinco opções de resposta que variam desde, 1- "*discordo totalmente*" até 5 - "*concordo*

*totalmente*". O *Parental Locus of Control Scale* (PLOC) permite avaliar cinco dimensões: Eficácia Parental (10 itens), Responsabilidade Parental (7 itens), Crenças Parentais sobre Destino e o Acaso (10 itens) e Controlo Parental do Comportamento da Criança (10 itens).

Os pais com pontuações baixas na subescala *Eficácia Parental* não se sentem eficazes no seu papel de progenitores. As pontuações elevadas na subescala *Responsabilidade Parental* indicam que os pais não se sentem responsáveis pelo comportamento do seu filho. As pontuações elevadas na subescala *Controlo por parte da Criança* refletem que os pais sentem que as necessidades e exigências dos seus filhos dominam as suas vidas. Por sua vez, os indivíduos com pontuações altas na subescala *Destino/Acaso* tendem a acreditar que a parentalidade e o comportamento da criança são influenciados por fatores externos, como o destino ou a sorte. Por último, os pais com pontuações elevadas na subescala *Controlo Parental* sentem-se incapazes de controlar o comportamento do seu filho.

No estudo de validação deste instrumento foram aplicados o PLOC e sete escalas que avaliam características de personalidade semelhantes a dois grupos de pais.

O grupo A, constituído por pais que não tem dificuldades no desempenho do papel parental. O grupo B, composto por pais que já haviam solicitado ajuda a serviços profissionais para problemas parentais e cujos filhos haviam sido identificados como tendo problemas/ dificuldades comportamentais/ emocionais.

Na análise dos dados, identificou-se que o grupo B apresentava um locus de controlo significativamente mais externo que o grupo A, observando-se assim uma validade discriminante.

Para a realização deste instrumento, procederam a uma análise fatorial exploratória, da qual surgiu a estrutura de 5 fatores ou subescalas e 47 itens. Para tal, foi

desenvolvido um questionário acerca do locus de controlo parental, composto por 109 itens, sendo que as opções de resposta variavam entre “1 -Discordo fortemente” e “5 -Concordo fortemente”. Estes foram distribuídos a 250 pais de crianças da escola primária em Tuscaloosa, Alabama. Dos 147 entrevistados, 115 eram mães e 32 eram pais. Este questionário foi formado a partir de escalas acerca do locus de controlo desenvolvidas (James, 1957; Lewis, Dawes & Cheyney, 1974; Nowicki & Strickland, 1973; Reid & Ware, 1974 & Rotter, 1975, cit in Campis et. al., 1986 ), sendo modificadas e adaptadas para de aplicarem ao locus de controlo parental. Assim como da escala *scale-discrimination technique* (Edwards & Kilpatrick, 1948, cit in Campis et. al., 1986).

Os coeficientes de fiabilidade dos fatores foram elevados, Eficácia Parental,  $\alpha = 0,75$ , Responsabilidade Parental,  $\alpha = 0,77$ , Controlo da Vida dos Pais por parte dos Filhos,  $\alpha = 0,65$ , Crenças Parentais sobre Destino ou Acaso,  $\alpha = 0,75$ , Controlo Parental do Comportamento da Criança,  $\alpha = 0,65$ . A fiabilidade da escala total foi de 0,92.

Dias, Tróccoli e Dias (1996), realizaram um estudo que tinha como objetivo a validação para a população brasileira da escala *Parental Locus of control* (Campis, et. al, 1986).

Os autores realizaram uma análise fatorial dos 47 itens da escala original, dos quais surgiram 5 subescalas ou fatores: *Eficácia Parental* (o quanto os pais se sentem efetivos no papel parental); *Controlo Parental* (o quanto os pais se sentem capazes de controlar o comportamento dos filhos); *Incompetência Parental* (o quanto os pais se consideram competentes no desempenho do papel parental); *Crença na Sorte ou Destino* (crença parental que o comportamento do filho é influenciado por fatores externos) e *Responsabilidade Parental* (o quanto os pais se sentem responsáveis pelo comportamento do filho). Conclusivamente, apenas um dos fatores diferiu da escala original, o *Controlo da Vida dos Pais por parte dos Filhos* não foi observado na análise fatorial sendo

substituído pelo fator *Incompetência Parental*. Sendo este o único estudo de validação e adaptação do instrumento *Parental Locus of Control* (PLOC) encontrado.

Santos (2014) realizou um estudo preliminar de validação do PLOC, com uma amostra de mães da população geral e maioritariamente com um nível de escolaridade elevado. Neste estudo foi realizada uma análise fatorial exploratória, da qual emergiram seis fatores, que abordavam as seguintes temáticas, Responsabilidade Parental, Controlo Parental dos filhos, Atitudes Parentais face às birras dos filhos, Crenças Parentais acerca do destino ou acaso, Eficácia Parental e Esforço parental. A versão portuguesa do instrumento PLOC apresentou uma consistência interna de 0,85.

Dada a relevância da orientação de locus de controlo e a necessidade de mais estudos sobre as características psicométricas deste instrumento para a população portuguesa, o presente estudo tem como objetivos validar o questionário *Parental Locus of Control* (PLOC).

## **Objetivos de Investigação**

Uma vez descrita a necessidade de mais estudos sobre as características psicométricas do questionário *Parental Locus of Control* (PLOC), o presente estudo tem como objetivo a validação do mesmo para a população portuguesa.

### **Objetivos**

1. Estudo das características psicométricas da versão portuguesa do questionário *Parental Locus of Control* (PLOC, Campis et al., 1986):
  - a. Análise da fiabilidade.

- b. Análise da validade do constructo.
- c. Análise fatorial exploratória.

## **Metodologia**

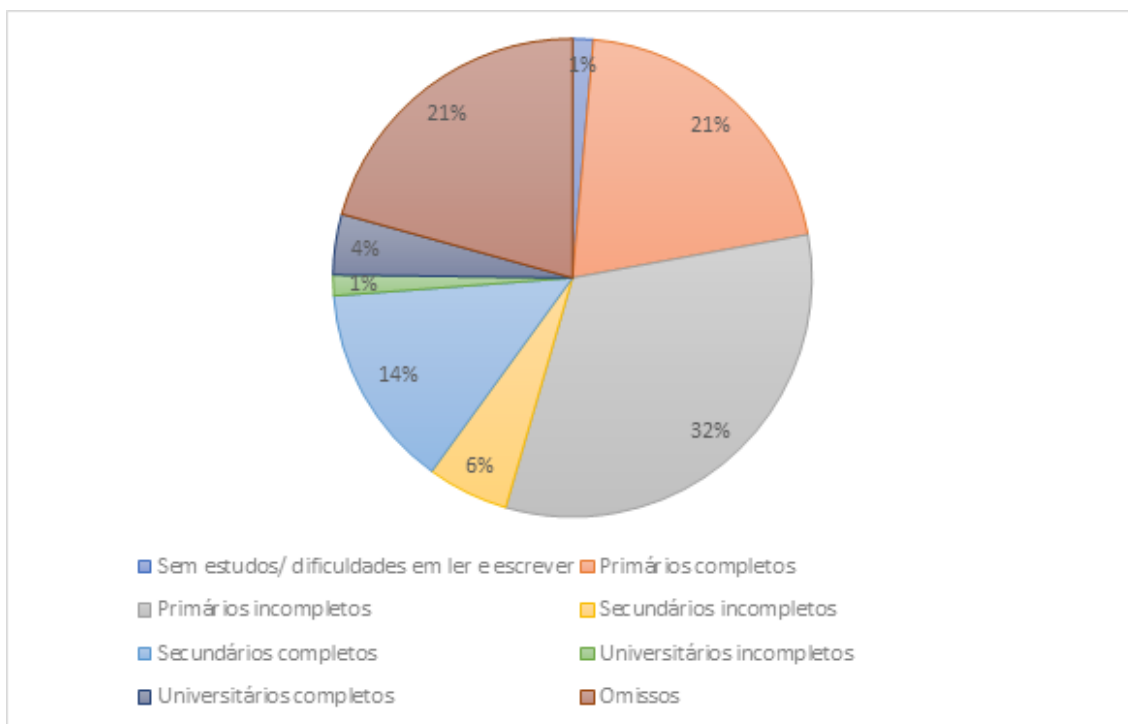
### **Desenho do Estudo**

O presente estudo apresenta um desenho transversal, exploratório, com um plano descritivo e correlacional.

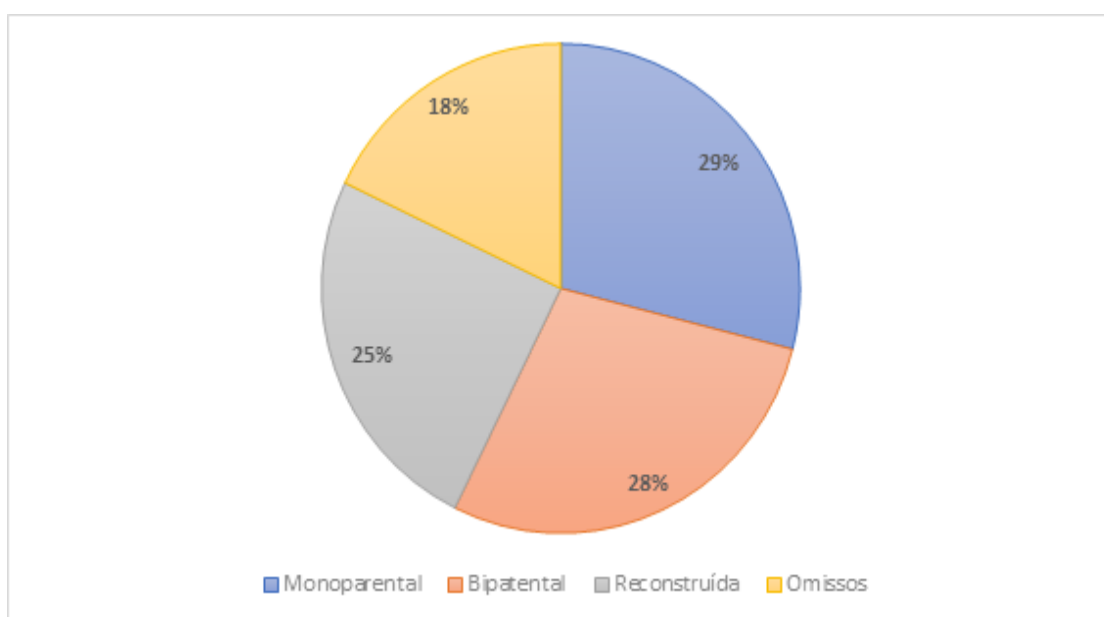
### **Participantes**

A amostra foi constituída por um total de 145 pessoas, das quais, 97 mulheres e 22 homens, com idades compreendidas entre os 20 e os 57 anos, entrevistados individualmente nas instalações das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ) na região do Algarve. A sua seleção foi feita com base nos seguintes critérios:(1) Ter pelo menos um filho até aos 18 anos de idade e (2) sofrer vários problemas e situações de risco relativamente aos seus filhos que, embora importantes, não alcançam um grau de severidade suficiente para retirar a criança do seu lar.

O nível educativo dos participantes era maioritariamente baixo, uma vez que 32,4% não completaram os estudos primários (n=47). Sendo que 1,4% tinham dificuldades em ler e escrever (n=2), 20,7% tinham os estudos primários completos (n=30), 5,5% tinham os estudos secundários incompletos (n=8), 13,8% tinham os estudos secundários completos (n=20), 1,4% tinham os estudos universitários incompletos (n=2) e 4,1% tinham os estudos universitários completos (n=6).



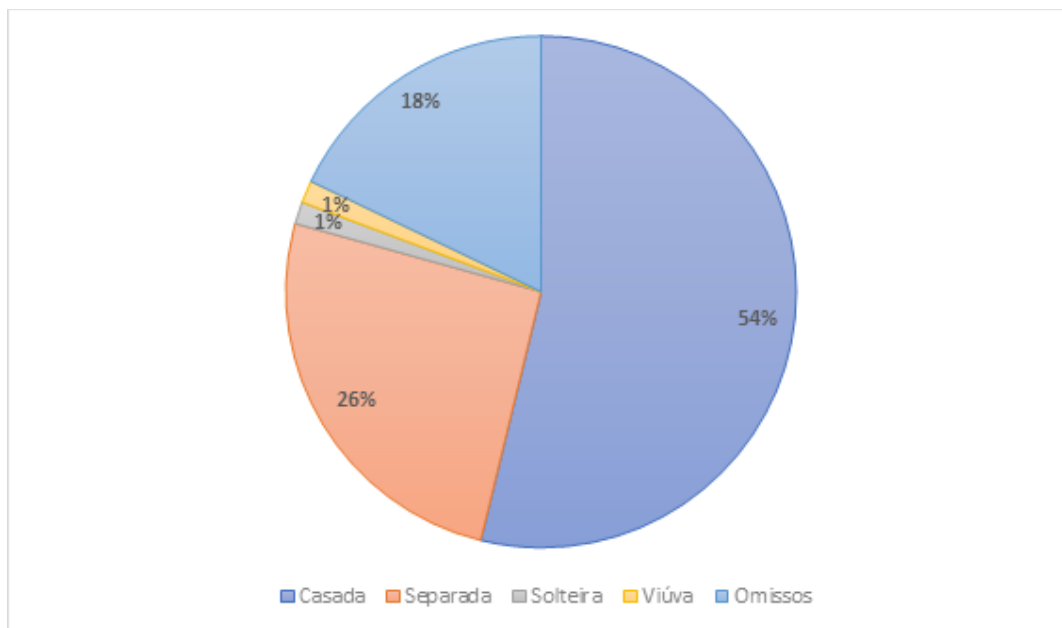
**Figura 3.** Nível educativos dos participantes



**Figura 4.** Tipo de família

No que diz respeito ao tipo de família verificamos que a nossa amostra se encontrava equilibrada, 29% correspondia a uma família monoparental (n=42), 28,3% correspondia a uma família biparental (n=41) e 24,8% a uma família reconstruída (n=36).

Em relação à situação de convivência, 53,8% encontrava-se casada (n=78), 25,5% divorciada (n=37), 1,4% solteira (n=2) e 1,4% viúva (n=2).



**Figura 5.** Situação de convivência

Relativamente aos filhos, 52 eram raparigas e 67 rapazes, com idades compreendida entre 1 e 17 anos.

## **Instrumentos**

### **Questionário de dados sociobiográficos.**

Foram aplicados questionários aos pais com o objetivo de recolher informação acerca da família.

## **Parental Locus of Control (PLOC).**

Campis e colaboradores (1986), desenvolveram um instrumento que avalia a orientação do locus de controlo, interno ou externo, dos pais em relação à educação dos seus filhos, isto é, as expectativas e crenças sobre o controlo que podem ter sobre a vida e educação dos seus filhos.

O *Parental Locus of Control Scale* avalia cinco dimensões:

- Eficácia Parental, constituída por 10 itens, neste construto, pontuações mais altas associam-se a altas expectativas de autoeficácia nas funções parentais, sendo que baixas pontuações, referem-se aos pais não se sentirem efetivos no papel parental. Por exemplo: *“Quando algo corre mal entre mim e o meu filho(a), há pouca coisa que eu possa fazer para o corrigir.”*
- A Responsabilidade Parental, constituída por 10 itens, sendo que pontuações elevadas neste fator, estão relacionadas com os pais se sentirem responsáveis pelo comportamento dos filhos. Por exemplo: *“Os problemas de comportamento do meu filho(a) são apenas da minha responsabilidade.”*
- Crenças Parentais sobre Destino o Acaso, constituída por 10 itens, pais que tenham pontuações elevadas neste construto, acreditam que os comportamentos parentais e dos filhos são influenciados por fatores externos, como o destino ou a sorte. Por exemplo: *“Ser bom pai ou mãe depende muitas vezes de ter a sorte de ter uma criança boazinha.”*
- Controlo Parental do Comportamento da Criança, constituída por 10 itens, pais com pontuações elevadas neste construto, sentem que não são capazes de controlar o comportamento dos filhos. Por exemplo: *“Muitas vezes é*

*mais fácil deixar que o meu filho(a) leve a sua avante do que aturar uma birra.”*

- Controlo da Vida dos pais por parte dos filhos, constituída por 7 itens, pontuações elevadas, dizem respeito a pais que sentem que as necessidades dos seus filhos dominam a sua vida, tendo dificuldade de identificar uma identidade fora do papel parental. Por exemplo: *“O meu filho(a) não controla a minha vida.”*

A fiabilidade do Instrumento é 0,87.

### **Procedimentos de Recolha**

Após o estabelecimento de protocolos de colaboração com as várias instituições que intervêm junto destas famílias e da obtenção do consentimento informado dos participantes, duas investigadoras com formação específica entrevistaram as mães e pais nas instalações dos serviços ou no domicílio familiar.

### **Plano de Análise**

A codificação e tratamento estatístico dos dados foram realizados através do software informático SPSS (Statistical Package for the Social Sciences), versão 25.

Em primeiro lugar serão calculadas as estatísticas descritivas da escala PLOC. Seguidamente será analisada a normalidade na distribuição univariante dos itens tendo em conta os índices de assimetria e curtose (valores compreendidos entre os intervalos  $\pm 1$  e  $\pm 2$  respetivamente). Após este procedimento foi analisada a capacidade discriminante de cada item através do coeficiente de correlação corrigido entre a

pontuação do item e o total da escala e a fiabilidade se o item for eliminado (inferior ao da dimensão global).

Com o fim de analisar a associação entre variáveis foram utilizados os testes de correlação de Pearson e Spearman, de acordo com a natureza métrica das variáveis. As correlações foram analisadas de acordo com os seguintes valores, correlações muito fracas com valores inferiores a 0,20, correlações fracas entre os 0,20 e os 0,40, correlações moderadas entre os 0,40 e os 0,60, correlações fortes com valores de 0,60 a 0,80 e correlações muito fortes com valores superiores a 0,80.

A dimensionalidade do instrumento foi analisada através da análise fatorial exploratória, utilizando o método de componentes principais com rotação ortogonal (Varimax), da normalização de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), do teste de esfericidade de Bartlett e do programa *Monte Carlo Parallel Analysis* para a análise fatorial de dados simulados aleatoriamente.

## **Resultados**

### **Análise Descritiva Inicial**

Na Tabela 1 apresentamos os dados descritivos relativamente à escala Locus de Controlo Parental e as respetivas subescalas, Eficácia Parental (EP), Responsabilidade Parental (RP), Controlo da vida por parte dos Filhos (CF), Crenças Parentais sobre o Destino e Acaso (D/A) e Controlo Parental do Comportamento da Criança (CP).

**Tabela 1.** Dados descritivos da escala PLOC e respectivas subescalas

	<b>PLOC Total</b>	<b>EP</b>	<b>RP</b>	<b>CF</b>	<b>D/A</b>	<b>CP</b>
Média	118,02	21,87	25,15	15	30,21	25,77
Mediana	117	21	25	14	30	26
Moda	108,00	26	30,00	11,00	30	27,00
Desvio-Padrão	22,56	6,09	7,83	5,04	6,20	8,22
Variância	509,09	37,13	61,42	25,45	38,48	67,59
Assimetria	0,21	0,37	0,07	0,43	-0,03	0,17
Curtose	-0,27	-0,22	-0,67	-0,55	0,65	-0,53
Mínimo	67	10	10	7	13	10
Máximo	177	39	46	27	49	47

De acordo com os dados, os valores obtidos na escala de Locus de Controlo Parental variam de 67 a 177 pontos, com uma dispersão elevada ( $DP= 22,56$ ). Tendo em conta que, as pontuações da escala variam entre 47 e 235 pontos, podemos observar que a amostra tem um locus de controlo médio ( $M= 118,02$ ).

As pontuações na subescala Eficácia Parental variam entre 10 e 39, com um valor médio de 21,87 pontos e um desvio-padrão de 6,09. Uma vez que as pontuações nesta subescala variam entre 10 e 50, podemos observar que os participantes apresentam uma perceção de Eficácia Parental ligeiramente baixa.

Na subescala de Responsabilidade Parental o valor médio foi de 25,15 pontos, com um desvio-padrão de 7.83, sendo que os valores variaram entre 10 e 46 pontos. Sendo que as pontuações nesta subescala se situam entre 9 e 45, podemos observar um nível de Responsabilidade Parental médio na amostra.

A subescala Controlo da Vida por parte dos Filhos obteve um valor médio de 15 ( $Amp= 7-27$ ;  $DP= 5,04$ ). Considerando as possíveis pontuações da subescala, de 6 a 30, os participantes apresentaram um nível médio de Controlo da Vida por parte dos Filhos.

No que diz respeito à subescala Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso, o valor médio foi de 30,21 (*Amp*= 13-49; *DP*= 6,20). Uma vez que as pontuações desta dimensão variam entre 9 e 45, podemos observar que os participantes apresentam Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso ligeiramente elevadas.

Para finalizar, a subescala Controlo Parental do Comportamento da Criança apresenta um valor médio de 25,77 (*Amp*= 10-47; *DP*= 8,22). Tendo em conta que os valores desta dimensão variam entre 9 e 45, os participantes reportaram um índice médio de Controlo Parental do Comportamento da Criança.

### **Análise de Fiabilidade**

**Tabela 2.** Consistência interna da escala PLOC e respetivas subescalas (N = 145)

	<b>Alpha de Cronbach</b>	<b>Média das correlações inter-item</b>
<b>Locus de Controlo Parental (Total)</b>	,88	,35
<b>Eficácia Parental</b>	,71	,38
<b>Responsabilidade Parental</b>	,85	,32
<b>Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos</b>	,69	,38
<b>Crenças sobre o Destino ou Acaso</b>	,63	,19
<b>Controlo Parental</b>	,84	,49

Na tabela 2 apresentamos os dados relativamente à análise da consistência interna, especificamente o Alpha de Cronbach ( $\alpha$ ) da escala PLOC e das respetivas subescalas.

No que diz respeito à escala de Locus de Controlo Parental a consistência interna é boa ( $\alpha = 0,87$ ). Nas respetivas subescalas, Eficácia Parental a consistência interna é

razoável ( $\alpha = 0,71$ ), a Responsabilidade Parental apresenta um valor de Alpha de Cronbach bom ( $\alpha = 0,85$ ), a Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos apresenta valor de consistência interna baixo ( $\alpha = 0,68$ ), assim como a subescala Crenças sobre o Destino ou Acaso ( $\alpha = 0,62$ ), por fim a dimensão Controlo Parental têm uma boa consistência interna ( $\alpha = 0,84$ ) (Pestana & Gageiro, 2008).

### **Validade de Construto**

Nas tabelas que se seguem observamos o contributo dos itens para o valor de fiabilidade da escala total, através da análise do coeficiente de correlação item-teste, do alfa de Cronbach caso o item seja eliminado, assimetria e curtose.

**Tabela 3.** Consistência interna da subescala Eficácia Parental e respectivos itens (N = 145)

		M	DP	Assimetria	Curtose	R item-total corrigida	$\alpha$ se eliminar o item
<b>Eficácia Parental</b>	<b>Item 1</b> - O que eu faço tem pouca influência no comportamento do meu filho (a).	2,28	1,25	0,61	-0,85	,33	,87
	<b>Item 2</b> - Quando algo corre mal entre mim e o meu filho(a), há pouca coisa que eu possa fazer para o corrigir.	2,12	1,10	0,78	-0,36	,41	,87
	<b>Item 3</b> - Os pais devem abordar os problemas que têm com os filhos porque ignorá-los não os fará desaparecer.	1,689	,90	1,44	1,66	,34	,87
	<b>Item 4</b> - Se apesar dos seus esforços o seu filho(a) fizer birras, mais vale desistir.	2,09	1,24	0,85	-0,62	,41	,87
	<b>Item 5</b> - O meu filho(a) habitualmente consegue fazer o que quer, por isso nem vale a pena tentar.	1,89	1,14	1,22	0,34	,49	,87
	<b>Item 6</b> - Por muito que um pai/mãe se esforce, algumas crianças nunca aprendem.	2,99	1,36	-0,15	-1,26	,33	,87
	<b>Item 7</b> - Frequentemente, eu consigo prever o comportamento do meu filho(a) perante as situações.	2,32	1,05	0,70	-0,15	,35	,87
	<b>Item 8</b> - Nem sempre é sensato esperar muito do meu filho(a) porque, muitas vezes, as coisas acontecem por uma questão de sorte.	2,79	1,32	-0,01	-1,37	,33	,87
	<b>Item 9</b> - Quando o meu filho(a) se zanga, se eu me mantiver calmo(a), geralmente consigo lidar com ele.	1,95	1,10	1,17	0,58	,42	,87
	<b>Item 10</b> - Quando espero algo de bom do meu filho(a), sei que o posso ajudar a alcançá-lo.	1,74	,88	1,31	1,48	,50	,87

**Tabela 4.** Consistência interna da subescala Responsabilidade Parental e respectivos itens (N = 145)

		<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>	<b>R item- total corrigida</b>	<b><math>\alpha</math> se eliminar o item</b>
<b>Responsabilidade Parental</b>	<b>Item 11</b> - Não existem crianças boas ou más, apenas bons ou maus pais	2,64	1,27	0,22	-1,07	,39	,87
	<b>Item 12</b> - Quando o meu filho(a) se porta bem, é porque está a corresponder aos meus esforços.	1,88	0,88	1,02	0,85	,27	,87
	<b>Item 13</b> - Os pais que não conseguem que os filhos lhes deem ouvidos não sabem como dar-se bem com eles.	2,47	1,17	0,46	-0,80	,18	,87
	<b>Item 14</b> - Os problemas de comportamento do meu filho(a) são apenas da minha responsabilidade.	2,95	1,37	-0,10	-1,35	,10	,88
	<b>Item 15</b> - Se as pessoas capazes não conseguem ser bons pais é porque não foram suficientemente persistentes.	2,75	1,26	0,15	-1,10	,30	,87
	<b>Item 16</b> - Os problemas de comportamento das crianças devem-se muitas vezes a erros que os pais cometem.	2,37	1,07	0,88	0,13	,35	,87
	<b>Item 17</b> - Quando os filhos fazem os pais sentir-se impotentes é porque não estão a utilizar os melhores métodos para os educar.	2,62	1,14	0,30	-0,78	,45	,87
	<b>Item 18</b> - A maior parte dos problemas de comportamento das crianças não teriam acontecido se os seus pais tivessem sabido educá-las.	2,54	1,24	0,41	-0,98	,40	,87
	<b>Item 19</b> - Eu sou responsável pelo comportamento do meu filho(a).	2,13	1,14	0,83	-0,25	,43	,87
	<b>Item 20</b> - Os êxitos e fracassos que tive como pai/mãe são o resultado direto do meu comportamento.	2,77	1,32	0,20	-1,17	,28	,87

**Tabela 5.** Consistência interna da subescala Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos e respetivos itens (N = 145)

		M	DP	Assimetria	Curtose	R item-total corrigida	$\alpha$ se eliminar o item
<b>Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos</b>	<b>Item 21</b> - A minha vida é controlada principalmente pelo meu filho(a).	2,21	1,34	0,73	-0,85	,31	,87
	<b>Item 22</b> - O meu filho(a) não controla a minha vida.	2,22	1,30	0,87	-0,41	,31	,87
	<b>Item 23</b> - O meu filho(a) influencia o número de amigos que eu tenho.	1,81	1,21	1,40	0,72	,33	,87
	<b>Item 24</b> - Sinto que o que acontece na minha vida é determinado principalmente pelo meu filho(a).	2,26	1,29	0,60	-0,99	,40	,87
	<b>Item 25</b> - Para mim é fácil evitar e funcionar independentemente das tentativas que o meu filho(a) faz para me controlar.	2,77	1,38	0,27	-1,23	,26	,87
	<b>Item 26</b> - Quando cometo um erro com o meu filho(a), normalmente consigo corrigi-lo.	2,04	0,97	0,84	0,03	,50	,87
	<b>Item 27</b> - Mesmo que uma criança faça birras com frequência, os seus pais não devem desistir.	1,68	0,96	1,43	1,25	,47	,87

**Tabela 6.** Consistência interna da subescala Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso e respectivos itens (N = 145)

		<b>M</b>	<b>DP</b>	<b>Assimetria</b>	<b>Curtose</b>	<b>R item-total corrigida</b>	<b><math>\alpha</math> se eliminar o item</b>
<b>Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso</b>	<b>Item 28</b> - Ser bom pai ou mãe depende muitas vezes de ter a sorte de ter uma criança boazinha.	2,70	1,42	0,21	-1,36	,34	,87
	<b>Item 29</b> - Eu sou um daqueles pais que tiveram a sorte de ter uma criança boazinha.	3,19	1,32	-0,11	-1,18	-,34	,88
	<b>Item 30</b> -Tenho chegado à conclusão que, no que diz respeito aos filhos, o que tiver de acontecer acontecerá.	3,77	1,18	-1,02	0,30	,19	,87
	<b>Item 31</b> - O destino foi bom comigo, se tivesse tido uma criança com mau feitio não sei o que teria feito.	2,50	1,24	0,40	-0,89	,16	,88
	<b>Item 32</b> - O êxito em lidar com os filhos parece ser mais uma questão do humor e dos sentimentos da criança em cada momento, e não do que os pais fazem.	2,92	1,28	-0,05	-1,19	,35	,87
	<b>Item 33</b> - Nem o meu filho(a) nem eu somos responsáveis pelo seu comportamento.	2,12	1,24	0,71	-0,86	,50	,87
	<b>Item 34</b> - Para conseguir que os meus planos resultem, asseguro-me que vão de encontro aos desejos do meu filho(a).	3,24	1,28	-0,32	-1,08	-,07	,88
	<b>Item 35</b> - A maioria dos pais não se apercebe até que ponto o destino dos seus filhos é influenciado pelos acontecimentos acidentais.	3,45	1,14	-0,58	-0,40	,23	,87
	<b>Item 36</b> - A personalidade de uma criança depende sobretudo da hereditariedade, do que ela traz quando nasce.	3,11	1,36	-0,28	-1,26	,36	,87
	<b>Item 37</b> - Sem fazer as devidas pausas (por ex., ter algum tempo para si) uma pessoa não consegue ser um(a) pai (mãe) eficaz.	3,20	1,39	-0,41	-1,24	,12	,88

**Tabela 7.** Consistência interna da subescala Controlo Parental e respetivos itens (N = 145)

		M	DP	Assimetria	Curtose	R item-total corrigida	$\alpha$ se eliminar o item
<b>Controlo Parental</b>	<b>Item 38</b> - No que diz respeito ao meu filho(a) sinto sempre que tenho as coisas sob controlo.	2,82	1,22	-0,15	-1,27	,47	,87
	<b>Item 39</b> - Por vezes não consigo lidar com o comportamento do meu filho(a).	3,14	1,22	-0,44	-1,03	,44	,87
	<b>Item 40</b> - Às vezes sinto que o comportamento do meu filho(a) não tem solução	2,14	1,24	0,91	-0,34	,58	,87
	<b>Item 41</b> - Muitas vezes é mais fácil deixar que o meu filho(a) leve a sua avante do que aturar uma birra.	2,18	1,26	0,65	-1,02	,62	,87
	<b>Item 42</b> - Às vezes apercebo-me que o meu filho(a) consegue levar-me a fazer coisas que eu não queria.	2,66	1,39	0,13	-1,48	,50	,87
	<b>Item 43</b> - Frequentemente, o meu filho(a) comporta-se de uma forma muito diferente da que eu gostaria.	2,97	1,32	-0,15	-1,36	,41	,87
	<b>Item 44</b> - Às vezes, quando estou cansado(a), deixo o meu filho(a) fazer coisas que habitualmente não deixaria fazer.	2,56	1,41	0,19	-1,55	,56	,87
	<b>Item 45</b> - Às vezes sinto que não tenho suficiente controlo sobre o rumo que a vida do meu filho(a) está a levar.	2,63	1,36	0,12	-1,47	,46	,87
	<b>Item 46</b> - Eu deixo que o meu filho(a) faça aquilo que quer.	1,78	1,03	1,30	0,82	,55	,87
	<b>Item 47</b> - Não é muito difícil conseguir mudar as ideias do meu filho(a) sobre algumas coisas.	2,88	1,19	0,05	-1,14	,26	,87

Segundo a tabela 2, a média das correlações inter-item relativamente ao instrumento PLOC foi de 0,35. No que diz respeito às subescalas, a dimensão Eficácia Parental obteve o valor médio de correlações inter-item de 0,37, na Responsabilidade Parental de 0,31, para o Controlo da Vida dos Pais por parte dos Filhos de 0,38, para as Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso de 0,18 e para o Controlo Parental do Comportamento da Criança de 0,48. Podemos observar que a maioria das correlações são superiores a 0,30, revelando um poder discriminativo adequado, à exceção da subescala Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso, que apresenta uma correlação muito fraca, sendo o valor de  $r < 0,20$ .

Tendo como base os dados das tabelas 3,4,5,6 e 7, iremos observar as correlações entre cada item e o instrumento PLOC, ou seja, as correlações item-total, sendo que itens com valores inferiores a 0,30 sugerem que estes não correlacionam adequadamente com a escala total (Field, 2009) Neste estudo iremos ter como ponto de referência 0,25. Posto isto, a dimensão Responsabilidade Parental apresenta dois itens com valores inferiores a 0,25 (sendo estes, 13 e 14), o fator Controlo da Vida dos Pais por parte dos Filhos tem um item com valor inferior ao recomendado (sendo este, 25) e a subescala Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso tem cinco itens com valores não recomendados (os quais, 30,31,34, 35 e 37). No que diz respeito ao valor do Alpha de Cronbach, ao eliminar os itens 29,31,34 e 37 este aumentaria. Procedemos, portanto, à eliminação destes itens da versão portuguesa do PLOC.

Em relação aos valores de assimetria e curtose, nenhum dos itens apresenta distribuições que desrespeitem os valores de referência indicadores de um desvio excessivo da distribuição em relação à normalidade (Kline, 2005).

**Tabela 8.** Correlações entre a escala PLOC e as respectivas subescalas (N = 145)

	PLOC					
	Total	EF	RP	CF	D/A	CP
PLOC Total	--	,78**	,53**	,69**	,48**	,81**
Eficácia Parental (EF)		-	,27**	,51**	,44**	,55**
Responsabilidade Parental (RP)			-	,19*	-,11	,33**
Controlo da Vida dos Pais por parte dos Filhos (CF)				-	,24**	,53**
Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso (D/A)					-	,22**
Controlo Parental do Comportamento da Criança (CP)						-

\* $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

Como observado na tabela 8, existe uma relação positiva e significativa entre o instrumento PLOC e as respectivas subescalas, assim como das subescalas entre si, com a exceção da dimensão Responsabilidade Parental que não correlacionou com o fator Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso.

O instrumento PLOC correlaciona fortemente com a Eficácia Parental ( $r(145) = ,78$ ;  $p=0,00$ ), com o Controlo da Vida dos Pais por parte dos Filhos ( $r(145) = ,69$ ;  $p=0,00$ ) e com o Controlo Parental ( $r(145) = ,81$ ;  $p=0,00$ ), mantendo uma correlação

moderada com a Responsabilidade Parental ( $r(145) = ,53; p=0,00$ ) e Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso ( $r(145) = ,48; p=0,00$ ).

A Dimensão Eficácia Parental correlaciona moderadamente com o Controle da Vida dos Pais por parte dos Filhos ( $r(145) = ,51; p=0,00$ ), Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso ( $r(145) = ,44; p=0,00$ ) e Controle Parental ( $r(145) = ,55; p=0,00$ ), correlacionando fracamente com a Responsabilidade Parental ( $r(145) = ,270; p=0,01$ ).

O fator Responsabilidade Parental correlaciona fracamente com Controle da Vida dos Pais por parte dos Filhos ( $r(145) = ,192; p=0,021$ ) e moderadamente com o Controle Parental ( $r(145) = ,33; p=0,00$ ).

A subescala Controle da Vida dos Pais por parte dos Filhos correlaciona fracamente com Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso ( $r(145) = ,25; p=,03$ ), correlacionando moderadamente com o Controle Parental ( $r(145) = ,53; p=,00$ ).

A dimensão Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso correlaciona fracamente com o Controle Parental ( $r(145) = ,23; p=0,06$ ).

## Análise Fatorial

No presente estudo procedemos à análise fatorial exploratória, através do método de extração de fatores por componentes principais, com rotação ortogonal varimax, assim como utilizado pelos autores da escala original (Campis et.al., 1986).

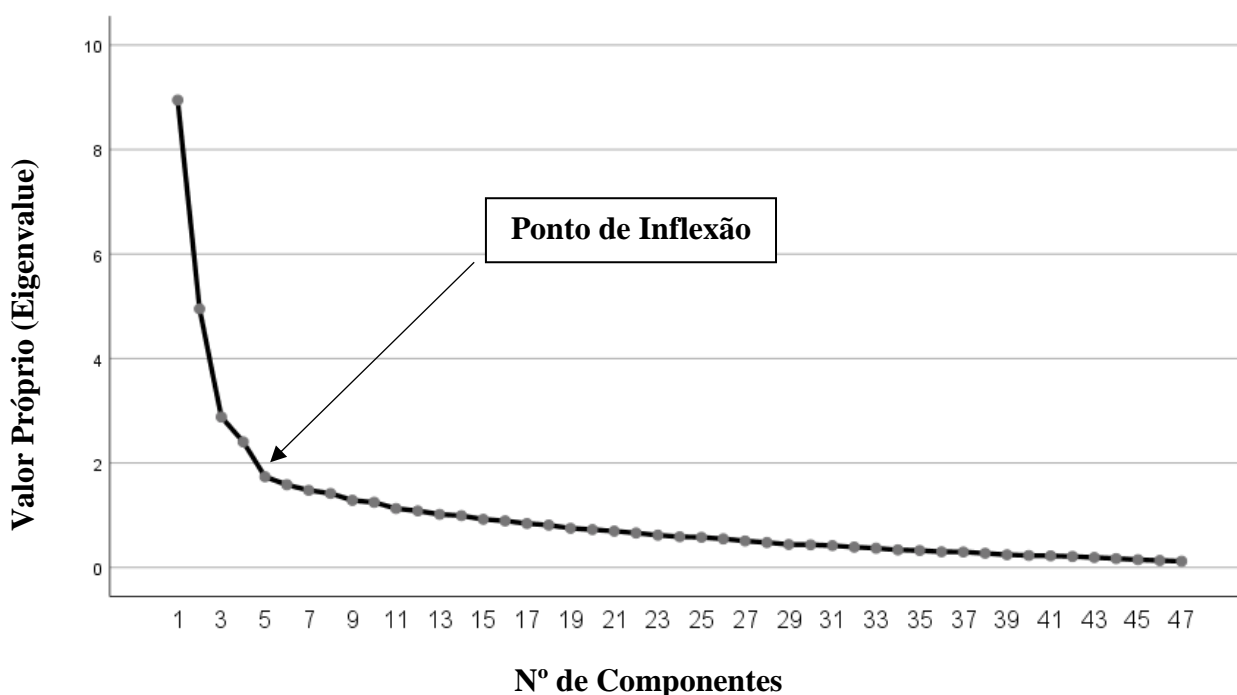
Analisando a adequação da amostra para o estudo, os valores de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO = 0,76) são bons (Field, 2009) e o teste de esfericidade de Bartlett ( $\chi^2(1081) = 2962,93$ ;  $p = ,000$ ) apresenta correlações entre os itens suficientemente grandes para proceder à análise dos componentes principais.

**Tabela 9.** Análise Fatorial Exploratória da escala PLOC (N = 145)

Fatores	Eigenvalues	Variância Explicada %	Variância Cumulativa %
1	8,94	19,03	19,03
2	4,95	10,53	29,56
3	2,87	6,12	35,69
4	2,40	5,11	40,81
5	1,73	3,69	44,50
6	1,58	3,36	47,87
7	1,47	3,14	51,01
8	1,41	3,01	54,03
9	1,28	2,73	56,76
10	1,24	2,65	59,41
11	1,12	2,40	61,81
12	1,08	2,30	64,12
13	<b>1,01</b>	2,16	66,28
14	0,99	2,10	68,39

Na tabela 9 observamos que através da análise dos componentes principais extraímos 13 fatores. Segundo a regra de Kaiser, os *eigenvalues* superiores a 1 representam o número de fatores a reter (Field, 2009), neste caso, observando a tabela, o fator 14 tem *eigenvalue* inferior a 1 (*eigenvalues* = 0,991), extraindo-se 13 fatores.

Uma vez que o número de fatores retidos pelo critério de Kaiser foi elevado, dado que a escala original é composta por cinco fatores (Campis et, al., 1986), procedemos também ao *scree-plot*.



**Figura 6.** Scree-plot com os itens do PLOC

Observando a figura 6, com base no ponto de inflexão o número de fatores a serem retidos seriam quatro. Determinamos como ponto de inflexão onde o declive da linha altera drasticamente, ou seja, temos uma linha reta que acompanha a parte vertical do gráfico e outra que acompanha a parte horizontal, sendo o ponto de inflexão onde as duas linhas se encontram (Field, 2009).

Também com intuito de perceber o número de fatores a reter, recorreremos à técnica da análise paralela (Horn, 1965). Esta técnica compara os *eigenvalues* obtidos na análise fatorial da amostra real, com os *eigenvalues* obtidos a partir da análise fatorial de dados

simulados aleatoriamente. Para selecionar o número de fatores a amostra real deverá ter um valor próprio (eigenvalue) superior ao valor próprio correspondente obtido durante o processo de simulação produzido pelo programa *Monte Carlo Parallel Analysis*.

Ao utilizarmos o programa *Monte Carlo Parallel Analysis* para a análise fatorial de dados simulados aleatoriamente, constatamos que o número de fatores a serem retidos seriam cinco, o que vai de encontro à escala original de Campis e colaboradores (1986), pelo que optamos por uma solução de cinco fatores.

**Tabela 10.** Análise Fatorial Exploratória da escala PLOC (N = 145)

<b>Itens</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>3</b>	<b>4</b>	<b>5</b>	<b>h2</b>
ploc1						,211
ploc2	,401					,304
ploc3 invertido				,434		,335
ploc4	,557					,453
ploc5	,418					,442
ploc6	,528					,338
ploc7 invertido						,222
ploc8	,628					,404
ploc9 invertido					,419	,449
ploc10 invertido				<b>,459</b>	<b>,450</b>	,599
ploc11 invertido		,570				,491
ploc12 invertido		,505				,356
ploc13 invertido					,435	,396
ploc14 invertido		,617				,506
ploc15 invertido		,655				,527
ploc16 invertido		,602				,628
ploc17 invertido		,652				,564
ploc18 invertido		,796				,675
ploc19 invertido		,686				,561
ploc20 invertido		,734				,560
ploc21				,641		,423
ploc22 invertido				,517		,294
ploc23				,713		,537
ploc24				,630		,476
ploc25 invertido						,213
ploc26 invertido					,430	,432
ploc27 invertido	<b>,468</b>				<b>,499</b>	,514

ploc28	,465			,330
ploc29		-,632		,521
ploc30	,541			,369
ploc31	,475			,333
ploc32	,614			,397
ploc33	,563			,506
ploc34	<b>,401</b>		<b>-,403</b>	,403
ploc35			-,463	,409
ploc36	,419			,230
ploc37			-,497	,406
ploc38 invertido		,618		,585
ploc39		,725		,593
ploc40		,645		,566
ploc41	,581			,580
ploc42		,504		,382
ploc43		,722		,588
ploc44		<b>,453</b>	<b>,484</b>	,513
ploc45		,626		,482
ploc46	<b>,424</b>		<b>,519</b>	,497
ploc47 invertido		,453		,317

Observando a tabela 10, todos itens apresentaram uma carga fatorial superior a 0,40 nos respectivos fatores. No entanto, os itens 1, 7 e 25 não se associaram a nenhum fator e os itens 10, 27, 34, 35, 44 e 46 associaram-se a dois fatores (Field, 2009). Procedemos, portanto, à eliminação destes itens da versão portuguesa do PLOC.

No que diz respeito às comunalidades ( $h^2$ ), ou seja, a proporção da variância de cada item incluído na análise que pode ser explicada pelos componentes extraídos, podemos observar na tabela que a maioria dos itens apresenta valores superiores a 0,30, considerando-se aceitáveis (Field, 2009).

## Versão Final da escala Locus de Controle Parental

**Tabela 11.** Consistência interna da escala PLOC e respectivas subescalas (N = 145)

	<b>Alfa de Cronbach</b>
<b>Locus de Controle Parental (Total)</b>	,88
<b>Eficácia Parental</b>	,67
<b>Responsabilidade Parental</b>	,84
<b>Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos</b>	,70
<b>Crenças sobre o Destino ou Acaso</b>	,59
<b>Controlo Parental</b>	,84

Com base na tabela 11, a versão final da escala de locus de controlo parental é constituída por 32 itens, tendo uma boa consistência interna ( $\alpha = 0,88$ ).

A dimensão Eficácia Parental é composta por sete itens (i.e., 2,3,4,5,6,8 e 9), a dimensão Responsabilidade Parental é constituída por oito itens (i.e., 11,12,15,16,17,18,19 e 20), a subescala Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos tem cinco itens (i.e., 21,22,23,24 e 26), o fator Crenças sobre o Destino ou Acaso é composto por quatro itens (i.e., 28,32,33 e 36) e por fim, a dimensão Controlo Parental é constituída por oito itens (i.e., 38,39,40,41,42,43,45 e 47).

As subescalas Eficácia Parental, Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos e Crenças sobre o Destino ou Acaso apresentam uma consistência interna aceitável e as dimensões Controlo Parental e Responsabilidade Parental apresentam uma boa consistência interna.

## Relação entre as Características Sociodemográficas e o PLOC

**Tabela 12.** Correlações entre a escala PLOC e respectivas subescalas e os dados sociodemográficos da amostra

	<b>PLOC Total</b>	<b>EP</b>	<b>RP</b>	<b>CF</b>	<b>D/A</b>	<b>CP</b>
<b>Nível educativo</b>	-,157	<b>-,278**</b>	,207*	-,067	<b>-,356**</b>	-,049
<b>Tipo de Família</b>	-,127	-,159	,039	-,150	-,132	-,060
<b>Situação de Convivência</b>	,115	,080	,046	,068	-,047	,165

\* $p < 0,05$ ; \*\*  $p < 0,01$

Como observado na tabela 12 existe uma relação significativa e negativa entre a variável nível educativo e as subescalas, Eficácia Parental ( $r(119) = -,27$ ;  $p = ,003$ ) e Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso ( $r(119) = -,35$ ;  $p = ,00$ ), no entanto caracterizam-se por correlações fracas, não se observando correlações significativas entre as restantes variáveis.

## Discussão

O presente estudo teve como objetivo a análise das características psicométricas da versão portuguesa do questionário *Parental Locus of Control* (PLOC, Campis et al., 1986).

No que diz respeito ao perfil sociodemográfico da amostra, podemos observar que a maioria dos participantes apresentava um baixo nível educativo, especificamente, 32% não completaram o ensino primário e apenas 21% completaram este nível de ensino. A estrutura familiar era maioritariamente monoparental (29%), no entanto, 28% tinha uma estrutura familiar biparental e 25% era uma família reconstruída. Por fim, no que diz respeito ao estado civil, observava-se uma predominância de casados (54%). Neste sentido, segundo Belsky (1981) o relacionamento conjugal é o principal sistema de apoio parental e uma vez que a maioria dos participantes são casados, concluímos que a amostra parece apresentar este fator de proteção relativamente à parentalidade. Por outro lado, de acordo com a literatura, podemos considerar como fatores de risco no exercício da parentalidade, o baixo nível educativo e a monoparentalidade parentalidade (Rodrigo, Máiquez, Martín, & Byrne, 2008; Sousa, 2005).

Resumidamente, verificamos que a amostra na sua globalidade apresentava fatores de risco no contexto familiar, especificamente, monoparentalidade e baixo nível educativo, que podem ter impacto sobre o desenvolvimento dos filhos, uma vez que são considerados fatores de vulnerabilidade.

No que diz respeito à escala Locus de Controlo Parental (Campis e colaboradores, 1986), observamos que a amostra apresentava um nível de locus controlo parental médio. Em relação às subescalas, a amostra apresentava uma pontuação baixa na dimensão Eficácia Parental, elevada na subescala Crenças Parentais sobre o Destino ou Acaso e média nas restantes dimensões da escala PLOC.

No que diz respeito à eficácia parental, os resultados apresentados vão de encontro à literatura, ou seja, o baixo nível educativo associava-se a um menor senso de eficácia parental e a um locus de controlo externo parental (Koeske & Koeske, 1992).

De acordo com subescala Crenças Parentais sobre Destino ou Acaso, pais que tenham pontuações elevadas neste construto acreditam que os seus comportamentos e dos filhos são influenciados por fatores externos, como o destino ou a sorte, caracterizando progenitores com um locus de controlo mais externo. Também de acordo com a literatura, Harris e Nathan (1973) analisaram a interpretação dos pais acerca das causas dos problemas das crianças, pelo que pais com um locus de controlo externo, associaram as causas dos problemas das crianças a fatores externos a si, como por exemplo, destino ou acaso.

Resumidamente, apesar da amostra apresentar um locus de controlo médio, as pontuações baixas na dimensão Eficácia Parental e elevadas na Subescala Crenças Parentais sobre Destino o Acaso são características de uma orientação de locus de controlo externa, o que se encontra dentro do esperado pela literatura, de acordo com os fatores de vulnerabilidade familiar da amostra

No que diz respeito às características psicométricas do instrumento locus de controlo parental, encontrámos uma solução de cinco fatores. Esta solução foi encontrada através de uma análise fatorial de dados simulados aleatoriamente. Por isso, optou-se por manter esse número de fatores, uma vez que é semelhante ao estudo de validação original (Campis, et.al, 1986).

Na análise de fiabilidade da escala PLOC, observámos que possuía uma boa consistência interna ( $\alpha = ,88$ ). No que diz respeito às subescalas, a dimensão Eficácia Parental, Controlo da vida dos Pais por parte dos Filhos e Crenças sobre o Destino ou

Acaso apresentaram uma consistência interna aceitável. As dimensões Controlo Parental e Responsabilidade Parental apresentaram uma boa consistência interna.

Os resultados diferiram dos obtidos em outro estudo de validação preliminar da presente escala para a versão portuguesa, o qual foi composto por mais fatores, especificamente seis subescalas, além de que possuía uma amostra menor e apenas constituída por mães da população geral (Santos, 2014).

### **Conclusão**

O presente estudo permitiu-nos um avanço no que diz respeito às características psicométricas da versão portuguesa do PLOC, obtivemos bons resultados, no que diz respeito à fiabilidade do instrumento de medida. No entanto, podemos apontar algumas limitações no nosso estudo. A nossa amostra é constituída maioritariamente por mulheres, o aumento do tamanho da amostra permitiria uma análise fatorial confirmatória, outro aspeto que consideramos que seria pertinente em futuras pesquisas seria a recolha aprofundada de dados sociodemográficos e outras dimensões do funcionamento familiar permitindo desenvolver análises estatísticas com o intuito de perceber a relação entre o locus de controlo parental e as características familiares. A recolha de informação tendo em conta as faixas etárias dos filhos, permitira também uma análise dos resultados mais consistente.

## Referências Bibliográficas

- Abidin, R. R. (1992). The Determinants of Parenting Behavior. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 21(4), 407–412.  
<https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2104>
- Barakat, L. P., Lutz, M. J., Nicolaou, D. C., & Lash, L. A. (2005). Parental Locus of Control and Family Functioning in the Quality of Life of Children with Sickle Cell Disease. *Journal of Clinical Psychology in Medical Settings*, 12(4).  
<https://doi.org/10.1007/s10880-005-7818-9>
- Bates, J. (1980). The concept of difficult temperament. *Merrill-Palmer Quarterly*, 26, 299-319.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17, 3-23.7
- Belsky, J. (1984). The Determinants of Parenting : A Process Model. *Child Development*, 55(1), 83–96. <https://doi.org/10.2307/1129836>
- Bugental, D. B., Caporael, L., & Shennum, W. A. (1980). Experimentally produced child uncontrollability: Effects on the potency of adult communication patterns. *Child Development*, 51, 520-528.
- Campbell, S. (1979) Mother-infant interaction as a function of maternal ratings of temperament. *Child Psychiatry and Human Development*, 10, 67-76.
- Campis, L., Lyman, R., & Prentice-Dunn, S. (1986). The Parental Locus of Control Scale: Development and Validation. *Journal of Clinical Child Psychology*, 15(3), 260-267. <http://doi.org/10.1207/s15374424jccp1503>
- Colletta, N. (1979). Support systems after divorce: Incidence and impact. *Journal of Marriage and the Family*, 41, 837-846.
- Coleman, P. K., & Karraker, K. H. (1997). Self-efficacy and parenting quality: Findings and future applications. *Developmental Review*, 18, 47–85.
- Dias, C., Tróccoli, B. & Dias, M. (1996). Padrões psicométricos da Escala de Locus de Controle Parental - PLOC. Em Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), Resumos de Comunicações Científicas, XXVI Reunião Anual de Psicologia (p. 139). Ribeirão Preto: SBP.
- Dias, C., & Tróccoli, B. (1999). Locus de Controle Materno, Satisfação com a Vida e Relacionamento com o Filho Adolescente. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 13(3).
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3ª Ed.). London: SAGE.

- Freed, R. & Tompson, M. (2011). Predictors of Parental Locus of Control in Mothers of Pre and Early Adolescents. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 40(1), 100–110. <https://doi.org/10.1080/15374416.2011.533410>
- Furnham, A. (2010). A Parental Locus of Control Scale. *Individual Differences Research*, 8(3), 151–163.
- Hagekull, B., Bohlin, G., & Hammarberg, A. (2001). The role of parental perceived control in child development: A longitudinal study. *International Journal of Behavioral Development*, 25(5), 429–437. <https://doi.org/10.1080/01650250042000438>
- Harris, S. L., & Nathan, P. E. (1973). Parents' locus of control and perception of cause of children's problems, *Journal of clinical psychology*, 29, 182-184.
- Hassall, R., Rose, J. and McDonald, J. (2005) Parenting Stress in Mothers of Children with an Intellectual Disability: The Effects of Parental Cognitions in Relation to Child Characteristics and Family Support. *Journal of Intellectual Disability Research*, 49, 405-418. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2788.2005.00673.x>
- Horn, J. L. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30, 179–185.
- Janssens, J. (1994). Authoritarian Child Rearing, Parental Locus of Control, and Child's Behavior Style. *International Journal of Behavior Development*, 17(3), 485-501.
- Kline, R.B. (2005) *Principles and practice of structural equation modeling* (2 Ed). Guilford Press, New York.
- Koeske, G. F., & Koeske, R. D. (1992). Parenting locus of control: Measurement, construct validation, and a proposed conceptual model. *National Association of Social Workers, Inc*, 37–46.
- Loeb, R.C. (1975). Concomitants of boys' locus of control examined in parent-child interactions. *Developmental Psychology*, 11, 353-358.
- Ollendick, D. G. (1979). Parental locus of control and the assessment of children's personality characteristics. *Journal of Personality Assessment*, 43, 401-405.
- Pascoe, J. M., Loda, F. A., Jeffries, V., & Easp, J. A. (1981). The association between mother's social support and provision of stimulation to their children. *Developmental and Behavioral Pediatrics*, 2, 15-19.
- Pestana, M. H., & Gageiro, J. N. (2008). *Análise de dados para Ciências Sociais. A Complementaridade do SPSS* (5ªEd.). Lisboa: Edições Sílabo.
- Presson, P., & Benassi, V. (1996). Locus of control orientation and depressive

symptomatology: A meta-analysis. *Journal of Social Behavior & Personality*, 11, 201–212.

- Rodrigo, M. J., Máiquez, M. L., Martín, J. C., & Byrne, S. (2008). Preservación familiar. Un enfoque positivo para la intervención con familias. Madrid: Pirámide.
- Rodrigo, M. J., & Palacios, J. (1998). Conceptos y dimensiones en el análisis evolutivo educativo de la familia. In M. J. Rodrigo e J. Palacios (Eds.), *Familia y desarrollo humano* (pp. 45-69). Madrid: Alianza Editorial.
- Rotter, J. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs: General and applied*, 80(1), 1-28.
- Santos, D.(2014). Estudo preliminar de validação da Escala de Locus de Controlo Parental numa amostra de mães portuguesas (dissertação de mestrado). Universidade do Algarve, Faro.
- Sousa, L. (2005). *Famílias multiproblemáticas*, Coimbra: Quarteto.
- Teti, D., & Gelfand, D. (1991). Behavioral competence among mothers of infants in the first year: The mediational role of maternal self-efficacy. *Child Development*, 62, 918–929.
- Williams, T., Joy, L., Travis, L., & Gotowiec, A. (1987). Transition to motherhood: A longitudinal study. *Infant Mental Health Journal*, 8, 251–265.